



**FINDELSTEIN, Israel. *The forgotten Kingdom:*
the archaeology and history of northern Israel. Atlanta:
Society of Biblical Literature, 2013. 197p.**

Élcio Valmiro Sales de Mendonça *

Israel Finkelstein é Arqueólogo, professor de arqueologia no Departamento de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv. Também é diretor do Megiddo Expedition e Co-Diretor no European Research Project, “Reconstructing Ancient Israel: Exact and Live Sciences Perspective”, desde 2009. Possui vasta experiência em escavações e tem uma lista grande de artigos e livros publicados.

Entre suas últimas publicações está o livro *The forgotten Kingdom: the archaeology and history of Northern Israel* (2013). Para quem já tem acompanhado a obra de Finkelstein, perceberá que o autor retoma neste livro discussões abordadas em outras obras e aprofunda outras. Este novo livro é uma coleção de palestras proferidas no *Le Royaume Biblique Oublié*, em Paris (2012), teve sua primeira publicação em francês e depois traduzido para o inglês em 2013. O livro é muito útil para arqueólogos e biblistas, já que Finkelstein trabalha com arqueologia e Bíblia, utilizando-se das conclusões de suas próprias pesquisas arqueológicas para o estudo da história bíblica.

Resenha recebida e aprovada em 04/11/2014.

* Doutorando e Mestre em Ciências da Religião pela UMESp. Bacharel em Teologia. País de origem: Brasil.
E-mail: elcio.mendonca@hotmail.com.br

O livro possui 197 páginas e está subdividido em sete capítulos mais a introdução e conclusão. O livro é bem ilustrado com várias fotos de escavações e excelentes mapas (muitos retirados do Google Earth). Também possui um índice de nomes de lugares e outro de nomes pessoais. Não há índice de texto bíblico, o que seria muito útil. Em seus sete capítulos, o livro abrange o período do Bronze Tardio até o período do Ferro IIB (entre os anos de 1350-720 a.C.). Este período envolve principalmente as narrativas bíblicas de 1 e 2 Reis.

O foco do livro é o reino de Israel Norte. Na introdução (p. 1-11), Finkelstein inicia abordando questões fundamentais para a pesquisa no Israel Norte, trabalhando primeiramente o conceito de historiografia e memória histórica, abordando as origens dos textos bíblicos que seriam oriundos do Israel Norte. Sendo possível que os textos tenham sido escritos a partir da primeira metade do séc. VIII a.C. em Samaria e em Betel. Quando Israel Norte foi desfeito pelos assírios, os textos escritos ou como tradição oral, foram levados para o Sul por refugiados israelitas depois de 720 a.C. As narrativas bíblicas foram concluídas pelo Sul, Judá, que privilegiou as tradições pró-davídicas e jersalemitas.

A segunda parte da introdução segue apresentando os avanços da pesquisa arqueológica, revisando a cronologia e estabelecendo nova cronologia baseada em estudos de radiocarbono. Isto estabeleceu novas datas para vários sítios arqueológicos como, por exemplo, Megiddo, outrora atribuído a Salomão agora é atribuído aos omridas. Na terceira parte da introdução, Finkelstein fala de suas pesquisas arqueológicas e de seu envolvimento no estudo do reino de Israel Norte.

No capítulo 1 (p. 13-36), o foco é a política de Siquém desde o período do Bronze Tardio até os últimos dias das cidades-estado cananitas do período do Ferro I Tardio. O objetivo deste capítulo é oferecer uma visão clara dos padrões de assentamento e processos territoriais dos que povoaram terras altas e os vales do Norte no período do Ferro I e IIA. Parece haver uma ligação entre Siquém e Amarna, já que há possíveis citações de Siquém e de Jerusalém nos antigos textos

egípcios. Siquém fez parte de um grupo de cidades-estado chamado de Nova Canaã, formado por Megiddo, Kineret, Tel Rehov e Hazor. Em torno do séc. X a.C. aconteceu o declínio gradual da Nova Canaã, possivelmente por ataques realizados pelos povos das terras altas (p. 34-36).

O capítulo 2 (p. 37-61) aborda a Casa de Saul e a política de Gibeá ou Gibeon, como sendo a primeira entidade territorial do Norte israelita. Também questiona a respeito do território de Benjamin, que ora aparece como pertencendo a Judá ora a Israel, Norte. Finkelstein menciona uma série de sítios arqueológicos localizados no planalto de Gibeon-Betel, a norte de Jerusalém. São em torno de trinta sítios (p.38). Tais localidades foram abandonadas, possivelmente por causa da campanha do Faraó Sheshonq I, talvez por esta região estar ameaçando os interesses egípcios. Neste caso, o conflito narrado em 1Sm 30-31 entre israelitas e filisteus, na realidade foi entre israelitas e egípcios. É possível que na época da redação o Egito tenha sido substituído pela memória dos recentes filisteus. Desta forma, o pagamento de tributos de Roboão para o Egito (1Rs 14) possui problemas de cronologia, já que o faraó Sheshonq I era contemporâneo de Saul. É possível que Khirbet Qeiyafa tenha sido uma fortaleza saulida, utilizada como posto militar contra a ameaça egípcia, a qual deve ter sido destruída possivelmente pelo faraó Sheshonq I.

O capítulo 3 (p. 63-82) aborda os primeiros dias do reino do Norte, Israel, bem como a política de Tirzah. 1Rs 12:25 diz que foi Jeroboão I quem construiu Siquém, depois, em 1Rs 14:17 diz que já estava em Tirzah. É possível que o faraó Sheshonq I tenha estabelecido Jeroboão I em Tirzah. Tirzah, conforme a narrativa de 1Reis, é estabelecida como capital do Norte no período do rei Baasha (15:21,33; 16:6). Para Finkelstein, embora o sítio de Tirzah (atual Tell el-Fa'rah) não possua grandes fortificações, ela é crucial para o estudo dos primeiros dias do reino do Norte, Israel.

Finkelstein trabalha a importância de Tirzah desde o capítulo 3 até o capítulo 4 (p. 83-117), onde começa a tratar do período omrida (884-842 a.C.). A política de Tirzah abrange um período que vai desde cerca de 931-842 a.C., como capital do reino do Norte Israel, até ser substituída pela nova capital, Samaria. Com os omridas, surgiu a primeira grande potência nortista. Os reis omridas foram: Omri, Acabe, Acázias e Jorão, os quais reinaram cerca de quarenta anos sobre Israel Norte. Tal período se enquadra no Ferro Tardio IIA. Os omridas foram grandes monarcas conhecidos internacionalmente. Eles são mencionados em pelo menos três registros arqueológicos: na inscrição de Salmaneser III, na estela de Dan e na estela de Mesha. Os omridas foram reis influentes e poderosos, apesar das narrativas bíblicas os classificarem com os piores reis de Israel. (p. 83,84).

Os omridas são visíveis arqueologicamente devido aos inúmeros monumentos, não só em Samaria, mas em Jezreel, Hazor, Gezer, En Gev, Har Adir, entre outras. Há ainda vestígios de construções na transjordânia pertencentes aos omridas, como Jasa (atual Khirbet-Mudeyine), Atarote (atual Khirbet Atarus) e Gileade (atual Tell er-Romeith), cidades mencionadas inclusive na estela moabita de Mesha. O território omrida se estendia desde o litoral mediterrâneo até uma grande faixa da Transjordânia, desde as proximidades de Damasco até Dibon.

Finkelstein defende que os omridas deixaram marcas que caracterizam sua arquitetura: 1. Construção de plataformas; 2. Muralhas de casamata; 3. Portões com seis câmaras; e 4. Fosso. Estas características podem ser encontradas inclusive nas cidades transjordanianas do período omrida. A dinastia omrida só foi impedida de avançar por Hazael, de Damasco, por ocasião da revolta de Jeú.

No capítulo 5 (p. 119-140) Finkelstein trabalha o século final do reino do Norte Israel, a partir da ascensão do rei Hazael (2Rs 10:32ss). Para ele, Hazael foi o responsável pelo surgimento de Moabe e de Judá como reinos com presença significativa na história. Nesse período o Norte Israel parece ter dominado Judá por um tempo, talvez isso explique a expressão “de Dan até Beerseba” (1Sm 3:20).

A queda de Israel Norte abriu caminho para o desenvolvimento de Judá, que conquistou o território onde hoje está a cidade de Ramallah. Neste capítulo descreve o renascimento do reino israelita sob o reinado de Joás e Jeroboão II, em cujo período Dan se torna uma cidade israelita, e seu santuário, juntamente com o de Betel, passam a ter certa visibilidade. Com Jeroboão II o reino do Norte Israel tem nova ascensão, com a reconquista dos territórios transjordanianos outrora sob o domínio dos omridas (Am 6:11-14).

O reino do Norte Israel experimenta com Jeroboão II um novo período de prosperidade econômica, com a produção de azeite de oliva e de vinho (p. 131,132), também com o negócio de cavalos treinados. Isto pode ser atestado nas inscrições assírias que narram a batalha de Qarqar, nas quais Acabe é mencionado com um grande número de cavalos e bigas de guerra. Quanto ao culto e aos deuses do Norte, Javé também estava presente além de Baal, é o que podemos perceber nas inscrições de Kuntillet 'Ajrud, "YHWH de Samaria". Nesse período, segundo Finkelstein, se originam as tradições do êxodo e do ciclo de Jacó, tanto oralmente quanto suas primeiras redações; também nesse período se situam as origens do ciclo positivo de Saul em 1Samuel (p.140).

Nos capítulos 6 e 7 Finkelstein oferece breves reflexões sobre as implicações de suas reconstruções históricas baseadas nos vestígios arqueológicos e na história de Israel narrada na Bíblia Hebraica. No capítulo 6 (p. 141-151) Finkelstein comenta dois mitos originários do reino do Norte Israel: o ciclo de Jacó e as tradições do êxodo no deserto. O mito de Jacó do período do Ferro inclui dois temas bem integrados: 1. Delineia as fronteiras nortistas, e 2. Narra a fundação do reino do Norte Israel, bem como a etimologia do seu nome. Também localiza os santuários israelitas do Norte: Betel, Peniel e Siquém. Finkelstein localiza as origens do ciclo de Jacó como tradição oral no séc. X a.C. (p. 144), embora sua escrita tenha acontecido mais tarde, no séc. VIII a.C. Também as tradições do êxodo podem ser localizadas no séc. X a.C. (p.151), pois trata do conflito com o Egito e isto pode estar relacionado à campanha do faraó Sheshonq I.

No capítulo 7 (p. 153-158) encontramos duas subdivisões: 1. Os israelitas em Judá depois da queda do reino do Norte; e, 2. A ascensão do conceito de Israel Bíblico. Depois de Jeroboão II o Norte inicia um processo de declínio, o que favorece as políticas de Damasco. Para Finkelstein, parece que o Norte Israel estava perdendo seus territórios transjordanianos para Damasco, pouco antes da chegada de Tiglate-Pileser III. Quando Samaria foi capturada pelos assírios (722-720 a.C.), grupos da elite nortista foram deportados e grupos de refugiados desceram para Judá, o reino do Norte Israel desaparece para sempre. Mas segundo Finkelstein, esse não foi o ponto final da história nortista, mas o início de um novo conceito de Israel, o de Israel formado por doze tribos, que abrange todo o território governado outrora pelos dois reinos (p.153).

No período do Ferro IIB Jerusalém tem um crescimento dramático, isto por causa da chegada dos refugiados nortistas. O conceito de Israel como o grande reino unido parece ter origem neste período, depois da queda do Norte Israel. Neste período, também o nome “Israel” tornou-se vago, genérico, tanto territorial como politicamente. Judá realizou a etapa final da escrita e compilação da história bíblica. A preservação de tradições nortistas na redação final da narrativa bíblica (1 e 2Sm e 1 e 2Rs) na redação deuteronomista (séc. VIII e VII a.C.), parece ter acontecido devido à grande população nortista presente em Judá neste período, já que nenhum texto, segundo a arqueologia, poderia ter sido escrito antes de 800 a.C. (p. 163).

As tradições do Norte foram preservadas na redação deuteronomista, mas sempre submetidas às ideologias sulistas, no sentido de promover a dinastia davídica e a centralidade do culto em Jerusalém (p. 157). Desta forma, a importância do Norte precisou ser depreciada, diminuída pela ideologia sulista, tendo o Sul se apropriado inclusive do nome “Israel”, para dar continuidade ao seu projeto redacional e ideológico (p. 158).

Na conclusão desta obra, Finkelstein comenta sobre os avanços das escavações e pesquisas arqueológicas naquelas regiões bíblicas, o que tem fornecido novas possibilidades de interpretação das histórias bíblicas, que para ele, estão mal contadas e ideologicamente distorcidas, para servirem aos objetivos de Judá quando Israel Norte não existia mais (p. 159). Finkelstein finaliza sua obra expressando o desejo de que este último conceito de Israel, criado pela ideologia deuteronomista, preservada tanto pelo cristianismo quanto pelo judaísmo, por tantos séculos, não ofusque a história e a cultura do primeiro Israel: o reino esquecido.

Esta obra é indispensável para arqueólogos e biblistas que pesquisam a história de Israel contida na Bíblia Hebraica. A nova visão e interesse no reino do Norte Israel precisam ser difundidos cada vez mais entre o povo, a fim de corrigir a visão negativa que se tem transmitido há séculos acerca da história, cultura e da religião nortista de Israel. Israel Finkelstein, com toda sua experiência adquirida em anos de estudos e pesquisas de campo, é representante de uma nova visão da história bíblica. Neste livro, sua análise crítica e consistente, ainda que muito técnica, é transmitida numa linguagem acessível a todos os que se embrenham por esses caminhos da pesquisa bíblica. Este livro deve, com certeza, fazer parte da biblioteca e da lista de leituras obrigatórias de estudantes e pesquisadores da arqueologia e da história bíblica.